

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM RONDÔNIA, UMA  
MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR EM ROLIM DE MOURA DO  
GUAPORÉ (1834-2014)**

*José Willians Simplicio da Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar parte das práticas, atos, ritos dentre outras manifestações de devoção em homenagem ao Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé; bem como discutir acerca dos símbolos do festejo (Coroa, Cetro, Bandeira e Mastro) que aos olhos dos devotos, revelam-se sagrados e faz do evento uma importante expressão das culturalidades amazônicas. Nesse prisma, as expressões culturais realizadas e organizadas por quilombolas, indígenas, brasileiros e bolivianos em torno do Divino representam para os habitantes locais um símbolo sagrado de devoção popular, o que acaba por torná-las espaço propício à emergência de sociabilidades importantes à constituição de suas identidades. Dessa forma, o objetivo desta produção foi evidenciar e apresentar, numa espécie *artigo de síntese*, parte do universo plural e multifacetado que a festa do Divino Espírito Santo em Rondônia tem apresentado, ou seja, como símbolo místico de devoção popular para atender os anseios religiosos dos devotos do Guaporé, seja para conhecer como são forjadas as tensões, os conflitos, as negociações, as atitudes e comportamentos presentes nesta celebração religiosa coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Festa do Divino Espírito Santo. Devotos. Símbolos. Rolim de Moura do Guaporé.

1046

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo problematizar e discutir algumas nuances da festa do Divino Espírito Santo<sup>1</sup>, realizada na ilha de Rolim de Moura do Guaporé, Alta Floresta/RO. Perceber as manifestações culturais desse festejo centenário é importante para o conhecimento histórico local, pois oportuniza ao leitor conhecer uma das mais expressivas tradições da cultural imaterial do Vale do Guaporé pouco visitada pela história local.

A Festa do Divino Espírito Santo, realizada nas comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé, consiste em uma manifestação cultural de caráter religioso, feita pelos quilombolas e devotos que fazem do Divino um símbolo de devoção popular.

Em sinal de devoção, devotos vindos de várias partes de Rondônia e de outros Estados, foram até a ilha de Rolim de Moura do Guaporé no período de 02 a 08 de junho de

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mestrando em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Bolsista da CAPES. E-mail: williansconselho@yahoo.com.br

2014, para celebrar a passagem dos cento e vinte anos do festejo em homenagem ao Divino Espírito Santo.

A centenária festa do Divino no Vale do Guaporé inclui entre as características ritualísticas, os símbolos dos festejos (Coroa, Cetro, Bandeira e Mastro); as práticas religiosas (Missa, Batizados, Romaria, Procissão, Promessas, Fitas Votivas e Vigílias) e profanas (Bailes, danças, bebedeiras e cantorias), dentre outras manifestações da cultura popular<sup>ii</sup> imaterial.

Dessa forma, atentar à simbologia apresentada e representada nessas manifestações culturais dentre outras demonstrações de devoções, é um rico exercício reflexivo não apenas pelo ritual que encerram; mas também pela historicidade que expressam, nos motivos de ser que englobam, no componente de registro e informações a respeito do passado que esses atos apresentam, mesmo depois de tantas transformações operadas em seus sentidos e formas de apresentação, cuja própria existência e continuidade são o exemplo mais notável de que sua polissemia abarca experiências vividas e vivências contemporâneas.

É relevante salientar que as manifestações da simbologia do evento despertam o interesse nos atos de devoção que envolvem os fiéis no culto religioso ao Divino Espírito Santo, por isso as fontes orais têm sido referências prestigiadas pelos historiadores empenhados em estudar os aspectos culturais de uma sociedade num determinado tempo e espaço. Elas servem também para refletir a respeito dos trabalhos dos historiadores que no passado não expressavam interesse em explorar esses recursos, os quais têm se mostrados caros historiadores contemporâneos.

Ressalta-se que registrar os relatos orais das pessoas que cultuam o Divino no Guaporé foi de grande relevância para o trabalho em evidência, visto que possibilitou conhecer elementos e experiências de sujeitos que geralmente não estavam inclusos nas produções históricas concernentes a essa espacialidade.

Ainda assim, discussões nesse campo das religiosidades, das crenças, são fundamentais, no sentido de compreender não somente como se estruturam as relações sociais, as negociações, os conflitos, a construção de identidades dentro desses grupos; mas também pelo que contribuem no entendimento de seu universo mental. Em palavras outras, como as crenças e práticas que elas encerram sobre o plano *sagrado*<sup>iii</sup> ou *divino* dizem, comunicam, nos permitem pensar o plano *terrestre* e suas vivências assimétricas, contraditórias.

Parte das reflexões aqui desenvolvidas ancorou-se na bibliografia e historiografia locais – as quais conforme já ponderamos, é ainda bastante sucinta no que diz respeito a abordagem da história da festa do Divino; e por referencial teórico, tomamos, sobretudo, as discussões desencadeadas por: Cibélia Renata da Silva Pires (2009); Maria Michol Pinto de Carvalho

(2008); Robson Belchior Chaves (2010); Felipe Berocan Veiga (2002); e Mello Moraes Filho (2002).

O texto encontra-se organizado em duas seções, além desta apresentação. No primeiro momento, tecemos discussão referente aos festejos na ilha de Rolim de Moura do Guaporé, no intuito de demonstrar como se estruturam as solenidades do evento e as hierarquias de gênero presentes nos atos ritualísticos da festa. E por fim abordaremos os símbolos do festejo (Coroa, Cetro, Bandeira e Mastro), estes que para os devotos estão na ordem do sagrado e da religiosidade popular.

### **Festa do Divino Espírito Santo em Rolim de Moura do Guaporé, 2014.**

As raízes históricas da festa do Divino em Rondônia estão intimamente ligadas aos festejos religiosos feitos em Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso, quando no ano de 1894 os quilombolas Manoel Fernandes Coelho e Antônio Gomes, juntamente com outros devotos, reivindicaram a criação da festa para o Vale do Guaporé, trazendo, para tanto, a Coroa do Divino para comunidade de ilha das Flores.

Segundo Sr. Francisco Magipo, somente em 1933, a ilha de Rolim de Moura do Guaporé entrou no rol dos festejos ao Divino, quando por meio de sorteio, ganhou o direito de celebrar o Divino. Essa ocorrência levou a festa do Divino a ser escolhida através de um sistema de rodízio entre as comunidades que criassem a sua Irmandade.

De acordo com a programação da festa do Senhor Divino Espírito Santo do Guaporé 2014, a 120ª Romaria partiu da comunidade de Pedras Negras, em Costa Marques/RO, no dia 19 de abril de 2014 e depois de percorrerem via fluvial aproximadamente 990 km no rio Guaporé e seus afluentes em 46 dias e visitarem 38 comunidades ribeirinhas brasileiras e bolivianas ao longo do Guaporé, os membros da romaria do Divino chegaram de barco (Batelão) a ilha de Rolim de Moura do Guaporé, no dia 04 de junho do último ano, trazendo a bordo os símbolos considerados sagrados pelos devotos.

Sobre o que poeticamente poderíamos chamar os caminhos de água do Divino do Guaporé, recorremos aos estudos de Carradore (1978) para lembrar que “As festas realizadas na água revivem a tradição, pois, as primeiras aconteciam no caminho mais natural e mais fácil, os rios” (CARRADORE, 1978, p. 47 apud PIRES, 2009, p. 5).

Sobre o percurso feito pelos membros da romaria do Divino Espírito Santo, Abel Mendes Nery lembra-se que: “antes os 50 dias de romaria era feito todo na base da força física, pois não existia embarcações motorizadas”. E acrescenta que “hoje o Batelão é puxado

pela Chata (barco)”. Nessa linha de raciocínio a força física dos remeiros do Batelão hoje, é usada apenas num curto percurso antes da chegada do barco nas comunidades.

Nesse contexto, observa-se que a partir da utilização do barco a *diesel*, tornou-se possível que a romaria do Divino Espírito Santo atendesse mais comunidades ao longo do Guaporé na sua programação. Dessa forma, entendemos que o uso da tecnologia encurtou as distâncias do Guaporé e a própria dinâmica de realização de alguns momentos da festa, processo esse que é comum às manifestações culturais, visto que elas são dinâmicas, estão em movimento constante e dialogam com o tempo e o espaço nos quais estão inseridas. Aliás, são, sobretudo, resultantes, construídas nas relações que se estabelecem em sociedade.

Ao aproximar-se da comunidade de Rolim de Moura do Guaporé, a romaria do Divino do Guaporé iniciou-se sob o barulho de tiros da ronqueira (pequeno canhão artesanal) e ao som entoado pelos cânticos dos Foliões (adolescentes) e Remeiros da romaria, o tradicional ritual de chegada ao porto com o Batelão fazendo a meia-lua (três voltas que o barco Batelão dar no rio antes de estacionar nos portos das comunidades que celebram os festejos em referência a Santíssima Trindade), no rio Mequéns.

Com o Batelão ainda na água, muitos devotos do Divino Espírito Santo recepcionavam os membros da romaria dentro do rio com velas acesas, em sinal de agradecimento pelas promessas feitas ao Divino Espírito Santo e as graças alcançadas.

Notoriamente, cada expressão facial dos promesseiros do Divino Espírito Santo demonstrava respeito, concentração, devoção, emoção e fé. Em uma das falas, a devota Ednaques Pereira de Oliveira comentou: “fui esperar o Divino na água porque eu fiz uma promessa e fui agraciada com um milagre”. Ainda sobre o poder sobrenatural e a atribuição de milagres ao Divino, a promesseira Maura do Carmo acrescenta: “recebi uma graça e prometi ao Divino que todos os anos irei esperá-lo dentro da água até quando eu existir”.

Dessa forma, foram evidenciados em diferentes relatos os poderes místicos atribuídos ao Divino Espírito Santo, dão conta de que ele tem atendido aos pedidos de seus devotos. Isto é observado pelos relatos vários que se contam no decorrer das festividades. A participação popular expressiva também é um elemento a ser destacado, posto que expressa a identificação, a relação e a interação entre o fiel e o Divino, por meio da comunicação da graça alcançada, da graça almejada, da fé anunciada.

No que concerne às promessas, é relevante informar que são votos de juramento a Deus, realizadas, principalmente, nas horas de aflição, destacam os entrevistados, ou seja, no momento de suas necessidades de cura e libertação dos males que lhes afligem.

Após o desembarque da tripulação do Batelão no porto prontamente ornamentado da ilha de Rolim de Moura do Guaporé, os Foliões conduzidos pelo Mestre dos Foliões saudavam a comissão de organizadores (Imperador, Imperatriz, Capitão do Mastro e Aferes da Bandeira) da festa do Divino Espírito Santo e à multidão de devotos vindos de várias partes de Rondônia e de outros Estados brasileiros, com cânticos e louvores. Nesse cenário os símbolos eleitos como sagrados da festa, trazidos pela romaria, recebem a adoração dos devotos que ajoelhados vão ao encontro da Coroa, do Cetro e da Bandeira do Divino, para reverenciá-los com beijos e toques e receber as bênçãos.

Vale ressaltar também que os Mordomos do Divino foram os responsáveis pela acolhida dos membros (romeiros) do Batelão em terra firme. Também fizeram parte do repertório de cânticos de entrada do Divino na ilha, os hinos animados e adaptados ao contexto local da festa por diversas Irmandades que passaram a manhã ensaiando e cantando juntas:

*canto de chegada*

A comunidade dança alegre a canta  
Acolhendo agora a coroa santa (bis)

O Divino vem, vem nos alegrar,  
Vem trazendo a paz em todo lugar.  
Nos aqui estamos a te esperar,  
120 anos vamos celebrar.

A você romeiros, mestres e foliões,  
Todos componentes desse batelão,  
Hoje aqui chegaram cumprindo a missão  
Desta grande festa que é tradição!

A comunidade dança alegre a canta  
Acolhendo agora a coroa santa (bis)

Em seguida os símbolos (Coroa, Cetro, e Bandeira) da Festa do Divino foram conduzidos em forma de procissão pelos antigos Imperador, Imperatriz, Alferes da Bandeira e Capitão do Mastro. Entretanto, antes de chegar à igreja local que tem como padroeira Nossa Senhora do Carmo, estes fizeram uma parada para solenidade de posse, transferindo os seus cargos para os novos organizadores da festa na ilha. É importante salientar que o reinado do novo Imperador, Imperatriz, Alferes da Bandeira e do Capitão do Mastro vai durar até acontecer novamente os festejos do Divino na comunidade.

Ao final da solenidade simbólica da troca de cargos dos organizadores dos festejos, a procissão da romaria seguiu em direção à igreja e sob o tapete vermelho, houve a entronização dos símbolos do Divino Espírito Santo num altar especialmente preparado para os festejos.

Considerando a importância desse momento de ritual cíclico, o pesquisador Hágner Malom da Costa Silva revela: “Na Igreja os Remeiros fizeram o mesmo ato realizado nas demais comunidades: o Mestre dos Foliões anunciava os vivas e todos cantavam junto a canção: “A nós descei divina luz” (SILVA, 2014, p. 104). É possível observar nos devotos que fazem a festa, qual seja, em crianças, jovens e idosos olhares de concentração, veneração e respeito. Dentro do templo, muitos devotos emocionados choram e desejam tocar e beijar os símbolos do Divino.

Na noite do dia 04 de junho do ano passado, foi rezada em forma de canto, a primeira novena. No que se refere as novenas do Divino do Guaporé Hágner Malon da Costa Silva (2014), observa que:

Esta cerimônia consiste em uma série de orações que são cantadas pelos promesseiros. Geralmente, três solistas, cantam juntos um verso, e em seguida os remeiros repetem o refrão em coral. E assim a novena é realizada, na base de orações em forma de pergunta e resposta com o coral de remeiros (SILVA, 2014, p. 47-48).

1051

Destarte, tanto nas novenas quanto em outros momentos dos festejos ao Divino, o papel da figura feminina é secundário, na medida em que só homens da romaria cantam e conduzem as novenas noturnas. Dessa forma, percebe-se a construção de uma hierarquia de gênero, nos atos e rituais que são praticados, conduzidos e *fechados* aos homens da Romaria ao Divino.

Nessa perspectiva, é preciso observar o lugar que a mulher ocupa no festejo e as percepções que alimentam sobre o mesmo, visto que se essa for uma *regra* consuetudinária do evento aceita, partilhada e respeitada por elas, essa hierarquia de poder, ainda que balizada em relações assimétricas de gênero, pode ser entendida como um fenômeno natural àquela manifestação cultural, mesmo que não deva ser naturalizada por quem se debruça e problematiza as culturas populares como campo de estudos.

Em consonância com essas percepções, foi evidenciado que os demais fiéis da novena, inclusive as mulheres, acompanham os cânticos e as rezas de forma tímida, pois o canto que prevalece dentro e fora da igreja vem das vozes dos homens. É importante mencionar que essa ocorrência, não minimiza o papel que a mulher exerce na festa, pois ela está sempre presente, atuando nas mais diversas atividades do evento como, ornamentação da igreja, preparação da comida e no exercício de ser Imperatriz da festa.

Na sequência após a novena, os festejos ao Divino continuaram com a primeira noite de vigília e com a celebração da missa. Os responsáveis pela romaria (membros do Batelão) passaram a noite reversando-se em turnos para adorar os símbolos do Divino, que permanecem sempre com velas acesas, doadas por devotos, para os festejos de quatro dias e quatro noites em Rolim de Moura do Guaporé.

### **Os Símbolos Sagrados de Devoção Popular na festa do Divino.**

A festa do Divino Espírito Santo, realizada nas comunidades ribeirinhas de Rondônia, consiste em uma manifestação cultural de caráter religioso, feita pelos populares e devotos que tornam o Divino um símbolo de devoção popular para as comunidades quilombolas do Vale do Guaporé.

Na festa do Divino celebrada no Vale do Guaporé, o universo religioso tem como símbolos ritualísticos do evento a Coroa, o Cetro, a Bandeira e o Mastro. Ao pautar-se na simbologia que estes objetos sacros representa para o devoto, Chaves afirma que: “O universo simbólico é sem dúvida o que orienta uma das mais significativas manifestações populares brasileiras que se tem conhecimento até hoje” (CHAVES, 2010, p. 5). Nessa perspectiva, para este autor a simbologia representada por estes signos são de suma importância para à permanência da tradição.

No que concerne a Coroa do Divino, Silva (2014, p. 33) lembra que o primeiro a conduzir e venerar a Coroa quando este símbolo chega ao local dos festejos trazido pelo Encarregado da Coroa é o Imperador. Dessa forma, observa-se a existência hierarquização entre os participantes da festa, na qual a figura do Imperador e demais personalidades cortesãs (organizadores) do evento representam autoridades importantes sobre os demais devotos.

A Coroa do Divino do Guaporé é um objeto feito de prata, ainda que não seja possível ver o seu formato, visto que a mesma está sempre enfeitada com fitas votivas, doadas pelos promesseiros do Divino “[...] cujos milagres tanto o exalçavam na crença anônima das populações em peso” (MORAES FILHO, 2002, p. 58). Nesse cenário, cabe aos devotos apenas o toque mágico de suas mãos na Coroa sacra.

Além disso, é permitido também aos devotos o beijo na Coroa, bem como a oferta de dinheiro, pois ela também funciona como uma espécie de *cofre* aberto às doações dos fiéis. Feitas essas considerações, como pode ser observado, é necessário salientar que o componente financeiro possivelmente sempre esteve presente nos festejos de tradição religiosa, pois ele atua como recurso necessário a realização do evento, e para o fiel,

possivelmente, o fato de doar esmola ao Divino, pode significar muito mais prazer e realização do que exploração.

O Cetro é um pequeno bastão de prata, adornado com fitas votivas também doadas por promesseiros, contendo na ponta a figura simbólica de uma pomba. Assim como a Coroa do Divino, o Cetro representa sinal de autoridade e símbolo hierárquico, por isso, cabe primeiramente a Imperatriz segurá-lo e abençoar os devotos. Estes que atribuem milagres ao *signo*, e em sinal de reverência, ajoelham-se e beijam o símbolo sagrado, envolvido num pano com as iniciais D. E. S., que significam Divino Espírito Santo.

Outro importante elemento simbólico da festa é a Bandeira. Para Felipe Berocan Veiga:

O símbolo focal da folia é a *Bandeira do Divino*, vermelha com a pintura de uma pomba branca voando ao centro, de onde sai um resplendor de raios amarelos cercados por nuvens brancas, condensando, em um *sacra*, os símbolos bíblicos da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade – as línguas de fogo, a pomba, os raios de luz e o sopro vital (VEIGA, 2002, p. 2).

A referência feita a Bandeira entre os demais símbolos também é compartilhada por Pires (2009, p. 5), quando destaca: “De todos os elementos simbólicos da Festa do Divino, a bandeira é o símbolo mais importante e de maior resistência”.

Conforme salienta Chaves (2010, p. 5) “é importante notar que as bandeiras normalmente são vermelhas e trazem uma pomba branca, sempre de asas abertas, bordada no tecido”. Essas cores destacadas acima por Chaves, podem ser evidenciadas na Bandeira do Divino do Guaporé.

A partir desse viés, Chaves (2010, p. 6) continua a mostrar e defender a tese de que: “A pomba merece uma atenção especial quanto ao seu significado. Na arte cristã é, sobretudo símbolo do Espírito Santo. A pomba é citada diversas vezes na Bíblia”.

Ainda de acordo com a tradição bíblica na festa de Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre as cabeças dos Apóstolos de Jesus Cristo, simbolizado por uma pomba. Nesse sentido, ela representa ainda a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

É comum entre os estudiosos dessa festa, atribuir relevância central à Bandeira do Divino, considerando-a o destaque mais importante entre os símbolos de tal festividade. Entretanto, a partir das entrevistas realizadas com os devotos e da observação dos rituais, não foi possível afirmar que para os mesmos, os símbolos sagrados dos festejos do Divino apresente superioridade de um sobre os demais, pois os fiéis veneram, respeitam e beijam todos os símbolos em sinal de devoção. E essa simbologia que se manifesta nesses atos é algo presente no cotidiano da memória dos fiéis.



A partir das discussões levantadas por Chaves (2010), considera-se que o devoto é o sujeito de maior manifestação da crença popular. Nas palavras deste pesquisador “é ele quem participa ativamente das festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo, dando significado e confirmando através da identificação com a bandeira, a pomba, o mastro, e o império, todo vigoroso poder símbolo” (CHAVES, 2010, p. 05).

Os exemplos apresentados acima, em se tratando da hierarquia social construída em torno dos símbolos do Divino (Coroa e Cetro), se repetem com a Bandeira, tendo em vista que o primeiro a conduzi-la a Bandeira é o Alferes da Bandeira.

Sobre o Mastro, quarto e último símbolo místico abordado, Silva, lembra sobre a festa do Divino em Pedras Negras 2013 que “O Mastro é pé de Açaí, que na região é chamado de açazeiro e mede 22 metros de comprimento” (SILVA, 2014, p. 105). No entanto, é oportuno afirmar que não há uma medida padrão estabelecida para o mesmo e no caso do Mastro da festa de Rolim de Moura do Guaporé, o açazeiro media 20m de tamanho e foi tirado na mata pelo Capitão do Mastro. Este que também se encarrega de confeccionar a madeira com a arte pintada nas cores tradicionais do Divino: vermelho, branco e azul.

Os devotos acreditam que se tocarem o mastro poderão fazer um pedido para aquilo que lhes aflige. Por isso, muitos não se contentam tocar o Mastro, mas, sobretudo, no penúltimo dia de festejos ao Divino, na véspera de Pentecostes, eles carregam a pesada madeira em forma de romaria noturna cíclica até a igreja local, onde acontece a cerimônia chantamento do Mastro, anunciando os últimos momentos do evento.

Sobre isso Chaves (2010), faz a seguinte observação:

Dentro deste contexto constitui elemento principal o Mastro por ser parte importante das festividades. A sua cerimônia de levantamento ocorre sempre nas imediações da catedral. O encarregado da confecção e cerimônia de levantamento à frente da matriz na véspera do Domingo de Pentecostes se chama Capitão do Mastro e, na maioria das vezes, é indicado pelo Festeiro (CHAVES, 2012, p. 6).

Ainda em referência ao mastro Pires, ressalta: “Na ponta do mastro está a Pomba do Divino, representando a Santíssima Trindade [...]” (PIRES, 2009, p. 5). Essa informação acima grifada por Pires, pode ser notoriamente vista no Mastro do Divino em Rolim de Moura do Guaporé, visto que após se cantar o Mastro, os devotos fizeram dele um cruzeiro santo. Para tanto, acenderam velas, fizeram promessas e rezaram solenemente.

Aos símbolos sagrados são atribuídos milagres pelos devotos. Nessa concepção, a importância do ambiente sagrado acaba por caracterizar o ambiente religioso na mentalidade das populações devotas do Divino, em forma de uma Pomba na Bandeira, na Coroa, no Cetro e no Mastro, os quais representam, sobretudo, símbolos sagrados de devoção popular.

Corroborando a discussão, Chaves (2010, p.1), ponderar que “A bandeira, a pomba e o mastro são fundamentais para a constituição do universo simbólico e, assim, são os responsáveis por fazer a mediação entre o devoto e o Divino”.

De acordo com o antropólogo Clifford Geertz (1989), analisar essas manifestações religiosas, a exemplo das celebrações em torno do Divino, é bastante pertinente para se conhecer a cultura local, uma vez que para compreender os fenômenos culturais, é preciso conhecer a cultura do outro através da interpretação dos símbolos.

Nessa linha de raciocínio, as práticas e representações são partes relevantes constituintes da História Cultural, no entendimento dos fenômenos culturais. Vale ressaltar, que os cultos, as rezas, os festejos, os cânticos, e os ritos ao Divino no âmbito da *cultura popular*, são práticas e representações da vida cotidiana das pessoas do Vale do Guaporé. Assim, compreende-se as representações do povo sobre a Festa do Divino, como um momento de sociabilidade, marcado pelo *sagrado* e como tal, sagrado capaz de *surpreender* os anseios daquelas pessoas, constituindo-se atos importantes para a manutenção da fé delas.

Pensando nisso, observa-se que essas representações estão ligadas às concepções metafísicas do homem. Nesse sentido, estamos em consonância com as premissas do estudioso José D’Assunção Barros (2005, p. 11), para quem “as práticas e as representações são sempre resultado de determinadas motivações e necessidades sociais”.

### **Considerações Finais**

À luz das considerações finais, afirma-se que a proposta do trabalho foi de através de uma perspectiva que valoriza elementos da cultura imaterial, buscar situar historicamente a Festa do Divino e discutir algumas nuances que a envolve, a exemplo de sua importância para o calendário histórico e cultural rondoniense. Cabe destacar que apesar da importância mencionada acima, são ainda escassos os estudos mais sistemáticos no campo das ciências humanas a seu respeito, estando em determinada medida, à margem na história local.

Nesse sentido, o objetivo desta produção foi evidenciar parte do universo plural e multifacetado que a festa do Divino tem apresentado como símbolo de devoção popular para os devotos. Dessa forma, ao provocar essa discussão foi necessário contextualizar o histórico da Festa do Divino e constatou-se que os devotos do Divino realizam diversas manifestações religiosas e, no anseio de agradecer pelas graças alcançadas, a festa torna-se festas, qual seja, um espaço marcado pela pluralidade e diversidade.

Destarte, entende-se que os cultos religiosos ao Divino Espírito Santo, realizados pelos moradores da ilha de Rolim de Moura do Guaporé e demais comunidades tradicionais do Vale

do Guaporé, existem e são preservados pelos devotos (antigos e novos) que tornam o evento parte da cultura popular imaterial local. Mas essas estratégias de preservação, precisam tomar por referência as demandas e vivências dessas comunidades, de maneira a não reduzi-las a objetos à exposição, esperando os olhares às vezes curiosos, as vezes estereotipados de quem compra cultura sem pensar nos sujeitos que a produzem, como a produzem e porque a produzem.

Mediante às observações que temos realizado, entendemos que a diversidade de questões e a importância que a discussão ora travada fomenta, não deve ficar restrita apenas a academia, mas provocar o bom debate, de maneira a se pensar a cultura como lugar efetivo de construção e respeito à cidadania plena dessas comunidades, as quais muitas vezes se viram relegadas ao esquecimento.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- BARROS, José D'Assunção. *A História Cultural Francesa - Caminhos de Investigação*. in: FENIX- Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 2, Ano II N°4. Out/Nov/Dez, 2005.
- CARVALHO, Maria Michol Pinto de. DIVINO ESPÍRITO SANTO (RE)LIGANDO PORTUGAL/BRASIL NO IMAGINÁRIO RELIGIOSO POPULAR. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf>>. Acesso em: 12/04/14.
- CHAVES, Robson Belchior. *Festa do Divino em Mogi das Cruzes*. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nures/revista15/RobsonChaves.pdf>>. Acesso em 12/04/14.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRETTI, Sergio F. *FESTA DO DIVINO NO MARANHÃO*. Disponível em: <<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Festa%20do%20Divino%20no%20Maranhao.pdf>>. Acesso em: 10/10/13.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MORAES FILHO, Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1061>>. Acesso em: 23/06/14.
- NEVES, Amélia Tavares C. *Identidade Negra e Religião*. São Bernardo do Campo: CEDI, 1986.
- NASCIMENTO, Mara Regina do. *RELIGIOSIDADE E CULTURA POPULAR: CATOLICISMO, IRMANDADES E TRADIÇÕES EM MOVIMENTO*. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf>>. Acesso em 10/10/13.
- PIRES, Cibélia Renata da Silva. *A RELIGIOSIDADE DE CAIPIRA: A FESTA DO DIVINO EM PIRACICABA*. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Artigo\\_08\\_Cibelia\\_Renata\\_da\\_Silva\\_Pires.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Artigo_08_Cibelia_Renata_da_Silva_Pires.pdf)>. Acesso em: 22/05/2014.
- VEIGA, Felipe Berocan. *A folia continua: via, morte e revelação na Festa do Divino em Pirenópolis, Goiás*. Disponível em:

<[http://www.ifcs.ufrrj.br/~lemetro/pesquisadores/Felipe%20Berocan/a\\_folia\\_continua.pdf](http://www.ifcs.ufrrj.br/~lemetro/pesquisadores/Felipe%20Berocan/a_folia_continua.pdf)>  
. Acesso em: 12/04/14.

SILVA, Hágner Malom da Costa. A romaria do Divino Espírito Santo do Vale do Guaporé (Rondônia): uma etnografia do significado musica. Dissertação (Mestrado em Música), UFMG, Belo Horizonte, 2014.

---

i Segundo consta na bibliografia que versa a respeito da temática, a festa do Divino foi uma *invenção* no âmbito das tradições religiosas portuguesas do século VIII, durante o reinado de Dom Diniz e da rainha conhecida como santa Isabel.

ii A respeito do conceito de cultura popular consultar o estudo de Burke (1989, p. 272).

iii A respeito da ideia de *sagrado* uma discussão interessante é feita por Mircea Eliade (1992, p. 13), em “O sagrado e o profano: A essência das religiões”.